

A QUEDA NO CONSUMO PER CAPITA DE ARROZ EM CONTEXTO

Michela Okada Chaves¹, Roselene de Queiroz Chaves², Alcido Elenor Wander³, André Ribeiro Coutinho⁴

Palavras-chave: consumo de arroz, comportamento do consumidor, orçamentos familiares

INTRODUÇÃO

O consumo aparente *per capita* anual (CAPC), em kg de arroz beneficiado/habitante/ano, representa a parcela do suprimento que é consumida, subtraindo-se o que é utilizado como sementes, e dividindo-se pela população média brasileira em 01 de julho do ano de referência (WANDER & CHAVES, 2011). Para o consumo domiciliar *per capita* considera-se a aquisição domiciliar *per capita*, que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, representa as despesas realizadas com alimentação destinada e utilizada no domicílio (IBGE, 2011a). O consumo aparente *per capita* anual de arroz, que é formado pelo consumo domiciliar e não domiciliar, apresentou queda entre os períodos 2002-2003 e 2008-2009. Entretanto, essa diminuição não deve ser considerada como um fato isolado e, sim, deve ser observada em conjunto com as mudanças sociais e econômicas que vêm ocorrendo no país nos últimos anos para que, então, estratégias possam ser traçadas tanto para o estímulo à volta do consumo deste cereal *in natura*, como para a busca de outras formas de utilização para alcançar esse novo consumidor.

O objetivo do presente trabalho foi analisar a redução do consumo domiciliar e aparente *per capita* de arroz em um contexto mais amplo, considerando diversos itens que compõem o consumo das famílias brasileiras.

MATERIAL E MÉTODOS

Para este estudo foram utilizados dados secundários oriundos do IBGE referentes às duas últimas Pesquisas de Orçamentos Familiares (POF), 2002-2003 e 2008-2009, publicadas por este Instituto (IBGE, 2011a). Também foram consultados os dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE (2011b) e os valores de consumo aparente *per capita* foram obtidos a partir do trabalho de Wander & Chaves (2011). A partir desses dados foram feitas análises por meio de planilha eletrônica (Excel) a fim de organizar os dados de modo significativo e fornecer subsídio útil à tomada de decisões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

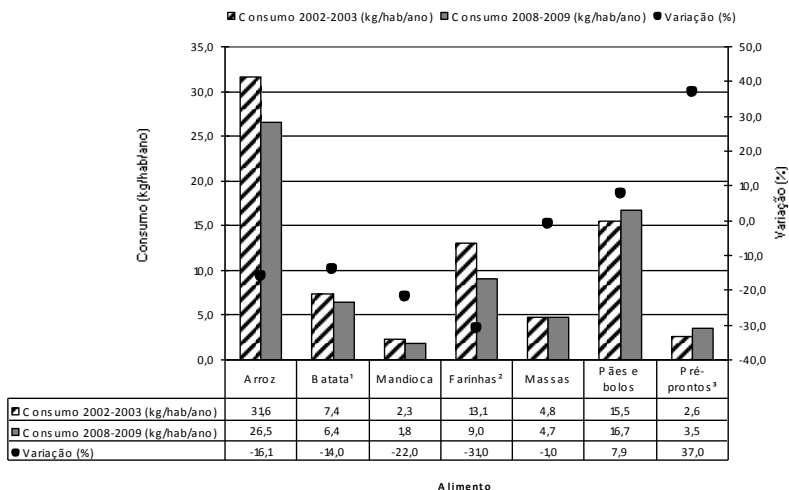
O arroz é um alimento cuja função principal é fornecer energia para o organismo devido ao seu alto teor de carboidratos. Comparando-se as POF do IBGE nos períodos 2002-2003 e 2008-2009 (Figura 1), observa-se que outras fontes de carboidratos, como batata, mandioca, farinhas em geral e massas também sofreram queda no consumo *per capita* domiciliar anual no Brasil, seguindo a ordem, de 14%, 22%, 31% e 1%. Biscoitos e roscas tiveram ligeira queda de 0,2%. Por outro lado, alimentos de mais fácil consumo e/ou preparo tiveram aumento no consumo domiciliar *per capita* anual, como foi o caso de pães e bolos (7,9%) e principalmente alimentos pré-prontos (37%), que inclui, além de massas, refeições, salgadinhos, sanduíches e misturas para bolos, alimentos de origem animal, como carne assada e frango assado, defumado ou empanado.

¹ Engenheira de Alimentos, Mestre em Gestão e Estratégia em Negócios, Embrapa Arroz e Feijão, Rodovia GO 462, Km 12, Caixa Postal 179, CEP 75375-000 Santo Antônio de Goiás, michela@cnpaf.embrapa.br.

² Engenheira Agrônoma, Doutora em Agronegócios, Embrapa Arroz e Feijão, roselene@cnpaf.embrapa.br.

³ Engenheiro Agrônomo, Doutor em Economia Agrícola, awander@cnpaf.embrapa.br.

⁴ Relações Públicas, Mestre em Agronegócios, andre@cnpaf.embrapa.br.



Legenda: ¹Somatório de batata-aipo, batata-baroa, batata-doce, batata-inglesa e batata não especificada; ²Somatório de farinha de mandioca, de rosca, de trigo, vitaminada e outras; ³Alimentos preparados e misturas industriais (alimento congelado, batata frita, carne assada, frango assado ou defumado, frango empanado, massa, refeição, salgadinho, sanduíche, mistura para bolo, outros).
Fonte: adaptado de IBGE (2011a).

Figura 1. Consumo *per capita* domiciliar anual nos períodos 2002-2003 e 2008-2009, segundo os produtos arroz, batata, mandioca, farinhas, massas, biscoitos e rosas, pães e bolos e alimentos pré-prontos.

De acordo com os dados obtidos para o consumo aparente (WANDER e CHAVES, 2011), embora tenha havido queda no consumo domiciliar *per capita* anual de arroz entre 2002-2003 e 2008-2009, ela foi menos intensa no ambiente não domiciliar do que no domiciliar, conforme pode ser visto na Tabela 1. Enquanto o consumo domiciliar sofreu queda de 16,1% no período considerado, o não domiciliar diminuiu 4%, ou 1,8kg/hab/ano.

Tabela 1. Consumo domiciliar *per capita* anual e consumo aparente *per capita* anual (kg/hab/ano) de arroz no Brasil, 2002-2003 e 2008-2009.

Variável	2002-2003	2008-2009	Variação	
			kg	%
Consumo domiciliar <i>per capita</i> (kg/hab/ano) ^(*)	31,6	26,5	-5,1	-16,1%
Consumo aparente <i>per capita</i> (kg/hab/ano) ^(**)	45,3	43,5	-1,8	-4,0%
Consumo no domicílio (%)	70%	61%	-	-
Consumo fora do domicílio (%)	30%	39%	-	-

Fonte: Wander & Chaves (2011).

A Tabela 1 fornece ainda informações sobre o aumento percentual do consumo *per capita* não domiciliar com relação ao domiciliar. O consumo fora do domicílio, que em 2002-2003 representava 30% do consumo aparente de arroz, em 2008-2009 passou a ser de 39%, enquanto o consumo no domicílio, responsável por 70% do consumo aparente do arroz no primeiro período considerado, passou a ser de 61% no segundo período. Nesses dois períodos, também se constatou o elevado aumento percentual da despesa geral com almoço e jantar fora de casa: em 2002-2003, ela representava 10,1% da despesa média mensal familiar com alimentação, mas em 2008-2009 este percentual praticamente dobrou, chegando a 19,5% (Tabela 2). Desta forma, pode-se inferir que parte do arroz que deixou de ser consumido em casa passou a ser consumido fora, via serviços de alimentação, como restaurantes e escolas, haja vista o aumento das despesas com almoço, jantar e alimentação escolar (Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição percentual da despesa média mensal familiar com alimentação, em 2002-2003 e 2008-2009 no Brasil.

	2002-2003 (%)	2008-2009 (%)
Despesa com alimentação	100,0	100,0
Despesa com alimentação domiciliar	76,0	68,9
Despesa com arroz	4,6 ¹	3,2 ¹
Despesa com alimentação não domiciliar	24,1	31,1
Almoço e jantar	10,1 ¹	19,5 ¹
Alimentação na escola	s.i	0,7 ¹

s.i.: sem informação; ¹percentual relativo a todas as despesas com alimentação.

Fonte: Adaptado da Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE (2011).

A tendência dos brasileiros em trocar alimentos tradicionais, como o arroz, por outros de mais fácil preparo e consumo, além de cada vez mais passarem a se alimentar fora de casa pode ser devido a um aumento na renda média do brasileiro e à maior inserção da mulher no mercado de trabalho, conforme dados mostrados nas Tabelas 3 e 4. O rendimento médio real mensal nas cinco regiões metropolitanas pesquisadas passou de R\$ 1.461,1 em 2002 para R\$ 1.559,1 em 2011, um aumento de 6,6%, enquanto a variação percentual do número de mulheres ocupadas em relação ao número de homens ocupados diminuiu ano a ano. Uma pessoa ocupada é aquela que exerceu trabalho remunerado ou não na semana de referência da pesquisa, ou que se encontravam afastadas temporariamente nesta mesma semana (IBGE, 2011b). Assim, em 2002, esta diferença era de 34,2% e em 2011 já é de somente 20,5% (Tabela 4). Com o aumento do número de mulheres trabalhando fora, reduz-se o tempo disponível para o preparo de alimentos no lar, o que poderia explicar o aumento do consumo de alimentos de mais fácil preparo e consumo e do maior percentual das despesas com almoço e jantar fora do domicílio. O maior poder aquisitivo da população também poderia ser um fator a aumentar esses percentuais de despesa, uma vez que, com maior renda, a população tem maior acesso a atividades de entretenimento, como comer fora, ou a consumir alimentos de maior valor agregado, diminuindo-se, assim, o consumo de alimentos considerados mais básicos, como arroz, mandioca e batata *in natura*.

Tabela 3. Rendimento médio real mensal do trabalho principal de pessoas com dez anos ou mais, em cinco regiões metropolitanas*.

Ano	Rendimento médio real (R\$)**
2002	1463,1
2003	1289,3
2004	1272,9
2005	1292,4
2006	1343,5
2007	1386,4
2008	1433,5
2009	1478,9
2010	1534,5
2011***	1559,1

*Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. **Valores inflacionados pelo INPC da região metropolitana. ***Dados até abril 2011. Fonte: Pesquisa Mensal de Empregos (IBGE, 2011b).

Tabela 4. Estimativa de número de homens e mulheres ocupadas, com dez anos ou mais, em cinco regiões metropolitanas*.

Ano	Mulheres (em 1000 pessoas)	Homens (em 1000 pessoas)	Variação (%)
2002	7593	10188	34,2
2003	7966	10554	32,5
2004	8275	10777	30,2
2005	8555	10999	28,6
2006	8777	11149	27,0
2007	9065	11370	25,4
2008	9435	11687	23,9
2009	9590	11687	21,9
2010	9984	12035	20,5
2011**	10074	12140	20,5

*Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. **Dados até abril 2011.

Fonte: Pesquisa Mensal de Empregos (IBGE, 2011b).

CONCLUSÃO

A análise da redução do consumo *per capita* de arroz pelo brasileiro pode ser empregada como subsídio útil à tomada de decisões no âmbito da cadeia produtiva deste

cereal. As análises realizadas neste trabalho permitem inferir que as estratégias a serem traçadas para alterar o quadro de redução de consumo de arroz devem seguir a lógica da mudança do padrão de consumo que ocorre com o aumento da renda média da população e com a acelerada inserção da mulher no mercado de trabalho. O arroz deve integrar uma lógica além do pacote de grãos *in natura* que compõe a cesta básica. Ele deve ser incluído como ingrediente principal ou componente de alimentos pré-prontos, de mais fácil preparo e consumo, de maior valor agregado. Além disso, esforços devem ser envidados em campanhas acerca da conhecida importância nutricional do consumo deste cereal. Ainda, deve-se estimular a elaboração de políticas públicas que garantam a aquisição de arroz para alimentação institucional (merenda escolar, alimentação hospitalar, alimentação do sistema prisional, programas sociais de distribuição para população carente e demais compras governamentais), de maneira a pelo menos manter o consumo *per capita* de arroz da população atendida por esta modalidade de consumo. A formação do tamanho e do perfil da demanda por alimentos depende cada vez menos apenas da evolução do consumo das famílias. A alimentação fora de casa, inclusive a institucional, está cada vez mais relevante. Estas mudanças sociais e econômicas e seus impactos no consumo *per capita* de arroz no Brasil devem ser melhor estudados e compreendidos visando o posicionamento estratégico do sistema agroindustrial brasileiro do arroz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003 e 2008-2009. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em 19 mai. 2011a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Mensal de Emprego. Disponível em <http://ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/default.shtm>. Acesso em 27 mai. 2011b.

WANDER, A. E.; CHAVES, M. O. Consumo Aparente *Per Capita* de Arroz no Brasil, 1991 a 2010. Congresso Brasileiro de Arroz Irrigado 9-12 ago. 2011. No prelo.